



**UNIVERSIDADE ESTADAL DA PARAIBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

CARLOS DOS SANTOS SILVA

**DE JÚLIA LOPES À CONCEIÇÃO EVARISTO: GÊNERO E RAÇA EM UM
PROCESSO DE SECULAR INVISIBILIDADE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE
LETRAS**

GUARABIRA-PB

2019

CARLOS DOS SANTOS SILVA

**DE JÚLIA LOPES À CONCEIÇÃO EVARISTO: GÊNERO E RAÇA EM UM
PROCESSO DE SECULAR INVISIBILIDADE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE
LETRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa

GUARABIRA-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586g Silva, Carlos dos Santos.
De Júlia Lopes à Conceição Evaristo [manuscrito] : gênero e raça em um processo de secular invisibilidade na academia brasileira de letras / Carlos dos Santos Silva. - 2019.
29 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa, Departamento de História - CH."
1. Gênero. 2. Raça. 3. Academia Brasileira de Letras. I.
Título
21. ed. CDD 305.3

CARLOS DOS SANTOS SILVA

DE JÚLIA LOPES À CONCEIÇÃO EVARISTO: GÊNERO E RAÇA EM UM
PROCESSO DE SECULAR INVISIBILIDADE NA ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora, no
curso de Licenciatura plena em História,
pela Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de graduado em História.

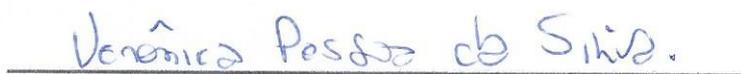
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da
Rosa

Aprovada em: 11/06/2019.

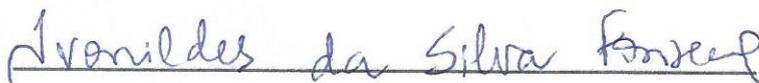
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Verônica Pessoa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)



Prof.^a Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)

Este trabalho a todos os homens e mulheres que, apesar das duras penas sofridas por seus algozes, não se deixaram abater e lutaram pelo nosso direito à voz; ao coro dessas vozes que permitiram que hoje eu pudesse ser ouvido, DEDICO.

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, Conceição. 2008. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008, p. 10-11)

AGRADECIMENTOS

É impossível não agradecer, primeiramente à Deus, pois apesar de ser um homem de pouca fé, é nele que sempre me apego, principalmente, nos momentos de maiores dificuldades.

Sendo minha turma de origem, 2009.2, foi difícil me afastar em 2011 e retornar anos depois, sabendo que todos já tinham partido. A esses amigos que iniciaram ao meu lado a desafiadora caminhada do Ensino Superior, belas e nostálgicas lembranças de momentos maravilhosos.

Os anos foram gratificantes, apesar da ansiedade que me acompanhava quando perambulava por salas e corredores da UEPB, agora “desbloqueado”, em meio as incertezas e ansiedade sobre como seria recebido por essas novas turmas. Passei por tantas, são tantos rostos, nomes e histórias divididas durante as aulas, que hoje me confundo ao encontrá-los em alguma oportunidade. Entretanto, confesso que cresci nessa continuidade de curso como uma espécie de nômade em busca de conhecimento.

Nessa trajetória, também, assim como não posso deixar de agradecer à Deus, seria injusto não citar a importância do incentivo de toda minha família nessa longa, cheia de percalços e difícil jornada.

Pelas palavras de apoio de minha belíssima e amada esposa, Tainy Fernandes, o sacrifício de minha sogra, Fátima Fernandes, em cuidar do nosso filho durante nossa ausência, meu muito obrigado, só Deus poderá recompensá-las à altura.

Aos professores, quase me faltam palavras para agradecer o quanto vocês foram essenciais durante todo o curso, transformando-me, principalmente, para além dos muros da UEPB. À todos, meu carinho e eterna admiração por toda paciência, empatia, competência e respeito com que sempre agiram comigo.

No meio do caminho encontrei várias pedras, mas não apenas isso, tinha, também, uma rosa, Dra. Susel Oliveira da Rosa, minha orientadora. A você,

professora, meus sinceros e fraternos agradecimentos pela disponibilidade, carinho e comprometimento ao acreditar nesse trabalho, estando sempre solícita, independente do dia ou da hora.

Minha última professora no fechamento desse ciclo da graduação, a professora Susel, parece que, indicada por forças de um outro plano, veio a representar a essência de todo corpo docente da UEPB, Campus III, Guarabira. Sobretudo, de forma especial e muito carinhosa, aqueles que fizeram e fazem parte do Departamento de História. Mais uma vez, e de forma incansável, meu muitíssimo obrigado a todos, por tudo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E SUA HISTÓRICA AVERSÃO À PRESENÇA FEMININA.....	9
2.1. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, UM TALENTO QUE POR MUITO TEMPO NÃO FOI RECONHECIDO PELA ACADEMIA.....	11
2.2. AMÉLIA BEVILÁQUA E A INTERPRETAÇÃO MACHISTA DO QUE É SER BRASILEIRO NA ACADEMIA	13
3. UMA ACADEMIA AGORA FEMININA, MAS NÃO PARA TODAS AS MULHERES.....	16
4. CONCEIÇÃO EVARISTO: QUANDO A CAPACIDADE PARECE NÃO SER SUFICIENTE.....	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24

DE JÚLIA LOPES À CONCEIÇÃO EVARISTO: GÊNERO E RAÇA EM UM
PROCESSO DE SECULAR INVISIBILIDADE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE
LETRAS

Carlos dos Santos Silva*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar o contexto histórico de explícita misoginia na Academia Brasileira de Letras (ABL), sobre o processo de escolha de um imortal para ocupar uma de suas cadeiras. Instituída sobre uma égide masculina e branca, a academia é edificada e sedimentada como um espaço de negação para determinados sujeitos, onde gênero e raça, sobre a perspectiva das trajetórias das escritoras Júlia Lopes de Almeida e Conceição Evaristo, se entrecruzam em um processo de invisibilidade, apesar da rica, diversa e importante produção literária e de conhecimento, desenvolvida por essas mulheres brasileiras e afro-brasileiras ao longo da história.

Palavras-chave: Gênero; Raça; Machismo; Academia Brasileira de Letras.

ABSTRACT

This article aims to analyze the historical context of explicit misogyny in the Brazilian Academy of Letters (ABL), about the process of choosing an immortal to occupy one of its chairs. Established on a male and white aegis, the academy is built and settled as a space of denial for certain subjects, where gender and race, on the perspective of the trajectories of the writers Júlia Lopes de Almeida and Conceição Evaristo, intertwine in a process of invisibility, despite the rich, diverse and important literary production and knowledge developed by these Brazilian and Afro-Brazilian women throughout history.

Keywords: Gender; Breed; Chauvinism; Brazilian Academy of Letters.

* Aluno de Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: carlos.karlinhos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente produção tem como um de seus objetivos, discutir um legado de total indiferença à presença feminina na academia brasileira de letras, que tem início mesmo antes de sua fundação, em 1897. A não aceitação do nome de Júlia Lopes de Almeida, como uma dos cofundadores da academia, seguido da inadmissão da escritora Conceição Evaristo, em 2018, quando a mesma concorreu e teve a chance de tornar-se a primeira escritora negra a figurar entre os imortais da academia brasileira, fazem parte de um ciclo vicioso e violento que é perpetuado ao longo da história.

Dentro desse recorte, buscarei analisar, também, como as relações de poder exercem de forma explícita as escolhas que convêm na manutenção de uma estrutura vigente, e acaba, por vezes, reproduzindo um discurso que autoriza a presença de determinados sujeitos em detrimento de outros.

Em um processo que perdura até os dias atuais, a academia, apesar de algumas mudanças ao longo de seus mais de cento e vinte (120) anos, segue distante de representar uma diversidade gênero literária que reconheça, de fato, a importância da produção de conhecimento das mulheres na sociedade brasileira.

A academia é um espaço de poder que só permitiu o acesso à mulheres oitenta após sua fundação com a entrada de Rachel de Queiroz, em 1977. Além disso, segue sem uma representação feminina e negra, fato que atesta o quanto as estratégias de posicionar esses sujeitos em lugares e condição de subalternidade, não permitindo o seu acesso, reforçando a cada ação o quanto esse sistema, geralmente conduzido por homens brancos e heterossexuais, reprimem e impedem o diálogo com outras formas de saberes, usando de sua autoridade naquele espaço para diante do poder que lhe são concedidos, decidirem sobre legitimar ou deslegitimar esses sujeitos e suas produções.

2. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E SUA HISTÓRICA AVERSÃO À PRESENÇA FEMININA

Inspirada na Académie Française de Lettres*, foi fundada em Julho de 1897 no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras (ABL). Segundo consta em sua plataforma digital e oficial na internet*, a entidade tem como um de seus objetivos, como diz em seu estatuto, o cultivo da língua e da literatura nacionais. Tendo como seu primeiro presidente, Machado de Assis, a academia que também é conhecida com o seu nome (Casa Machado de Assis), conta com 40 membros perpétuos, além de 20 correspondentes, oriundos de outras nacionalidades.

Quando ocorre o falecimento de um desses membros a cadeira é considerada “vaga”. Portanto, estando conseqüentemente esse espaço aberto para que novas candidaturas se proponham a assumir e compor o quadro de membros.

Em seus quase 122 anos de existência, a serem completados no dia 20 de Julho de 2019, a Academia Brasileira carrega, desde o seu nascedouro, uma estrutura que acaba entrando em conflito com o que teoricamente deveriam ser requisitos técnicos e básicos quando da nomeação de um imortal* para ocuparem as cadeiras e de terem seus nomes imortalizados na história das letras no Brasil.

As engrenagens que movem toda a estrutura e define quem será o próximo membro a ser escolhido como o novo panteão de uma instituição que, ao mesmo tempo que é desconhecida para alguns, é altamente desejada e adorada por outros, percorrem caminhos que não diferem muito do que é, de fato, um processo eleitoral em sua mais singela forma de poder e suas articulações.

* A Académie française foi fundada pelo Cardeal Richelieu em 1635, sob o reinado de Luis XIII. Disponível em: <<https://francescultural.com/2017/07/02/artigo-academia-francesa-de-letas/>> Acesso em 06/04/2019.

* Site da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em 07/04/2019.

* “Imortal” é o termo ofertado àquele que passa a ocupar uma das cadeiras da academia brasileira de letras. Quem assim o faz, tem seu nome vinculado a uma gama de intelectuais que passaram ou compõe as cadeiras da chamada casa Machado de Assis, entrando assim para a imortalidade das letras no Brasil.

A influência e o poder de decisão de pessoas que estão à frente de algumas instituições, geralmente estão além do senso comum, ignorando a capacidade alheia e, muitas vezes, se sobrepondo acerca de determinados valores e competências pela manutenção de uma estrutura dominante. Dessa forma, a casa Machado de Assis, apesar de ser uma instituição secular, ainda rasteja e está distante de representar a diversidade cultural, intelectual e de gênero literário pelo qual, apesar dos inúmeros entraves, sempre se revelou como existente, presente e de forte influência na sociedade brasileira. Diante desse cenário, a academia brasileira era uma célebre representante dos modos e pensamento dominante de fins do século XIX no Brasil e, por que não dizer, também dos dias atuais.

Composta apenas por homens e de maioria esmagadora, homens brancos, uma das barreiras criadas por seus representantes foi o negligenciamento com relação ao lugar que a mulher deveria ocupar naquela casa, ou melhor, que não deveria ocupar, sendo algo marcante e que ainda caracteriza a academia brasileira, se não hoje pela total ausência, mas pela ínfima representatividade feminina.

Geralmente posta em uma posição de subalternidade com relação ao masculino, seja na vida social ou profissional, os obstáculos a serem vencidos sempre foram complexos para o gênero feminino, devido ao modelo de sociedade da época. Entretanto, independente do campo de atuação, sempre houve mulheres que resistiram e se destacaram em suas respectivas áreas, mesmo, muitas vezes, sem o devido reconhecimento. Na literatura, por exemplo, diante da produção desejada, publicada e consumida pelo público leitor, existe todo um trajeto de constantes sufocamentos desses movimentos, silenciando vozes femininas e ignorando suas produções ao selecionar quais conteúdos devem ou merecem ser publicados.

A conjuntura que fundou o modelo de literato a ocupar aquela casa (ABL) é um exemplo de que, sempre deixou claro a preferência por seus representantes, seja através do regimento interno, de seu estatuto ou das várias declarações de seus membros, sobre o perfil que deveria ser o considerado ideal para se tornar um dos que deveriam compor a academia, e assim, gozarem de todo o prestígio que essa posição oferece.

A ABL (Academia Brasileira de Letras) coleciona em seu histórico a negativa, sem um argumento sólido sobre os fatos, com relação a uma presença feminina e negra nessa agremiação. A impressão, e os fatos me condicionam a isso, é de imaginar que o talento não é forte o suficiente para romper com essa crosta revestida de um conservadorismo que acaba fugindo do papel que deveria ser realizado pela academia brasileira, ou seja, o de zelar pelo cultivo da literatura, sendo receptáculo e conseqüentemente uma fonte de pesquisa que disponham de obras que falem todas as línguas que esse Brasil multicultural oferece.

Eis, como exemplo, o que versa o artigo 2º de seu estatuto elaborado em 1987:

Art. 2º - Só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário. As mesmas condições, menos a de nacionalidade, exigem-se para os membros correspondentes. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academia/estatuto>> Acesso em: 10/04/2019.

Observando a “olho nu” o referido artigo que está exposto logo acima não tem como destaque nenhuma palavra que, de início, e pelo entendimento geral, venha a causar qualquer tipo de constrangimento ou dúvida sobre sua interpretação. Entretanto, a errônea e intencional observação realizada por boa parte dos membros da academia brasileira de letras, durante o julgamento de um determinado fato que estará por vir, atestaram, mais uma vez, os mecanismos de exclusão e segregação que foram usados para manterem esse distanciamento da imagem do feminino como imortal na Academia Brasileira de Letras.

2.1. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, UM TALENTO QUE POR MUITO TEMPO NÃO FOI RECONHECIDO PELA ACADEMIA

Destaque entre as mulheres que conseguiram romper com alguns estereótipos e figurar entre os intelectuais no fim do Século XIX no Brasil, Júlia

Lopes de Almeida* (1862-1934), cronista, poetisa, romancista e autora de obras em diversos gêneros, fez parte da elaboração do projeto que veio a ser a Academia Brasileira de Letras.

A descoberta de um documento que trazia em seu conteúdo o nome da escritora e outros membros, todos homens, ocorreu durante a pesquisa para a produção de um pós-doutorado em 2005, nos arquivos da ABL (Academia Brasileira de Letras), da socióloga Michele Asmar Fanini*, quando a mesma usava naquele momento uma linha de pesquisa sobre a ausência da mulher na Academia Brasileira de Letras, vindo posteriormente a se tornar um livro, “A invisibilidade de um legado” (2016).

Às vésperas da inauguração da academia, 1896, naquela lista estariam os nomes dos cofundadores da agremiação e pretensos a ocuparem as primeiras cadeiras.

Em depoimento a pesquisadora revelou que se deparou nos arquivos da ABL (Academia Brasileira de Letras) com um artigo publicado na Gazeta de São Paulo, em 1896, que contava com o nome dos futuros imortais, estando ali, portanto, um único nome feminino, o nome de Júlia Lopes de Almeida. Mas, de forma surpreendente e “inexplicável”, posteriormente, na divulgação oficial dos seus respectivos membros, Júlia Lopes teve o nome substituído pelo então seu esposo, o poeta português, Filinto de Almeida.

* JÚLIA Valentim da Silveira LOPES DE ALMEIDA, nasceu em 24/09/1862 no Rio de Janeiro e morreu em 30/05/1934 na mesma cidade. Casou-se com o poeta português Filinto de Almeida e seus filhos Afonso Lopes de Almeida, Albano Lopes de Almeida e Margarida Lopes de Almeida também se tornaram escritores. Seu primeiro livro - Traços e Iluminuras - foi publicado aos 24 anos, em Lisboa. Antes disso já publicara artigos na imprensa, tendo sido uma das primeiras mulheres a escrever para jornais, colaborando com a Tribuna Liberal, A Semana, O País, Gazeta de Notícias, Jornal do Comércio, Ilustração Brasileira, entre outros. Com Filinto de Almeida escreveu, a quatro mãos, o romance A Casa Verde. Escreveu e publicou mais de 40 volumes entre romances, contos, narrativas, literatura infantil, crônicas e artigos. Foi abolicionista e republicana além de mostrar, em suas obras, ideias feministas e ecológicas. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/conteudo/JuliaLopesdeAlmeida/molduraobras.htm>> Acesso em 22/04/2019.

* Michele Asmar Fanini: Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP-SP), mestre e doutora em Sociologia pela mesma instituição. Pós-doutora pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP, com pesquisa subvencionada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/09/1916546-mulher-fundou-a-academia-brasileira-de-letras-mas-nao-fez-parte-dela.shtml>> Acesso em 22/04/2019.

Casada com Filinto de Almeida*, Júlia Lopes de Almeida foi a primeira mulher a sentir na pele a negativa por parte dos membros fundadores que compunham as primeiras cadeiras da ABL.

Dona de uma vasta obra literária e reconhecida por boa parte da sociedade letrada da época, inclusive tida por muitos como a escritora mais influente da primeira república (1889-1930), Júlia Lopes foi peça tão importante para a fundação da ABL, como qualquer outro integrante daquele corpo de letrados. Sobre a injustiça da remoção do nome de Júlia Lopes, Michele Asmar Fanini, se posicionou da seguinte forma: “Júlia Lopes de Almeida foi o primeiro e mais emblemático vazio institucional produzido pela barreira de gênero” (FANINI, 2017, Jornal da USP).

A opção por seu esposo, Filinto de Almeida, gerou reações diversas entre os membros. Em uma das colocações sobre esta decisão, Constâncio Alves* indagou sobre a ideia da possibilidade das mulheres terem para si, uma Academia que fosse específica para seu gênero: “As igrejas tem os seus conventos. Numa estão os padres, noutra estão as freiras” (Filho, 2006, p. 26).

O próprio Filinto de Almeida, esposo de Júlia, se mostrou bastante decepcionado com a posição de alguns colegas, quando em 1905, Filinto, em uma entrevista a João do Rio (alcunha de Paulo Barreto), declararia: “Não era eu quem devia estar na Academia, era ela” (Rio, Momento Literário, 1907, p. 33).

2.2. AMÉLIA BEVILÁQUA E A INTERPRETAÇÃO MACHISTA DO QUE É SER BRASILEIRO NA ACADEMIA

* Filinto de Almeida (Francisco F. de A.), jornalista e poeta, nasceu no Porto, Portugal, em 4 de dezembro de 1857, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de janeiro de 1945. É o fundador da Cadeira nº. 3 da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em 24/04/2019. Filinto não era “brasileiro nato”, pois nascera em Portugal, e nem se quer se naturalizara regularmente, abrangido pela grande naturalização decretada pelo Governo Provisório em 1890, em benefício de todos os estrangeiros residentes no Brasil. (Filho, Alberto Venancio, in “As mulheres na Academia, pag. 32 e 33).

* Constâncio Alves, terceiro ocupante da cadeira 26, foi eleito em 6 de julho de 1922, na sucessão de Paulo Barreto, e recebido pelo acadêmico Félix Pacheco em 22 de agosto de 1922. Constâncio Alves (Antônio Constâncio Alves), jornalista, ensaísta e orador, nasceu em Salvador, BA, em 16 de julho de 1862, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de fevereiro de 1933. Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/constancio-alves/biografia>> Acesso em 29/04/2019.

O ano de 1930 na Academia Brasileira de Letras foi marcado pela candidatura oficial da primeira mulher a concorrer a uma cadeira na agremiação. Dito isso, Amélia de Freitas Beviláqua, era o nome em destaque. Desta vez, o argumento usado por parte de seus membros durante a discussão na sessão era de que, após uma análise em conjunta, foi observado que o termo “brasileiros”, a ser referido no Art. 2º*, estava relacionado apenas a pessoas do sexo masculino, ficando dessa forma, vetada a participação de mulheres.

O Jornal do Commercio de 31 de junho de 1930 publicou o resumo da sessão: “Na sessão da Academia Brasileira de Letras, realizada no dia 29 de maio de 1930, o Sr. Presidente, Dr. Aloysio de Castro, comunicou ter requerido inscrição à vaga de Alfredo Pujol, Amélia de Freitas Beviláqua. Sendo a primeira vez que se apresentava, à Academia, uma candidatura feminina, o Sr. Presidente, por não se achar autorizado a interpretar o art. 2.o dos Estatutos, solicitou que a Academia, em plenário, se manifestasse, de modo que, futuramente, se pudesse ter um critério seguro, para aceitar ou rejeitar candidaturas de senhoras. Sobre o assunto falaram os Srs. Constâncio Alves, Augusto de Lima, Silva Ramos, Afonso Celso, Roquette - Pinto, Alberto de Oliveira e Coelho Netto, sendo a final resolvido, por maioria, que na ‘expressão’ os brasileiros’ do art.2.o dos Estatutos só se incluíam indivíduos do sexo masculino. (Filho, Alberto Venâncio, in “As mulheres na Academia, p. 19).

Esse episódio envolvendo Amélia Beviláqua, pode ser considerado como sendo um atestado de que, explicitamente, estava sendo institucionalizado o não pertencimento da mulher naquele espaço acadêmico. Entretanto, é importante salientar que esse não foi um entendimento homogêneo daquele corpo de intelectuais, havendo resistência e indignação por parte de alguns imortais e da imprensa.

O Professor Spencer Vampré, catedrático da Faculdade de Direito de São Paulo, também pelo jornal A Notícia, escreve como título de “A palavra brasileiros só se refere aos homens”: “Raramente há de se encontrar, na história mental das agremiações literárias, um ponto de vista assim lamentavelmente estreito como este. A cultura literária não tem sexo, e a mentalidade feminina atinge por vezes às culminâncias do pensamento.” E

* **Art. 2º** - Só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário. As mesmas condições, menos a de nacionalidade, exigem-se para os membros correspondentes. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academia/estatuto>> Acesso em: 10/04/2019.

conclui: “É profundamente lamentável o gesto da Academia Brasileira de Letras; mas estou certo que voltará atrás, previda pelo clamor dos homens bons, amigos da justiça. (Filho, Alberto Venâncio, As mulheres na Academia, pag. 28).

A partir do momento que a palavra “brasileiros” passa a ser compreendida como sendo relativa apenas a pessoas do sexo masculino, logo, a candidatura de mulheres para concorrerem a uma cadeira na academia estaria oficialmente impedida.

Em 1951, após o debate voltar à tona, houve mudança, mas não avanço, quando da alteração do Art. 30 de seu regimento interno:

Os membros efetivos serão eleitos, nas condições do art. 2.º dos Estatutos, dentre os brasileiros, do sexo masculino, que tenham publicado, em qualquer gênero de literatura, obra de reconhecido mérito, ou, fora desses gêneros, livros de valor literário (FANINI, 2010, p. 347).

Esse foi um entendimento que perdurou até por volta de 1970, para que, após intensas discussões houvesse mudanças no estatuto para que as mulheres pudessem, enfim, terem o direito de candidatar-se e concorrerem de forma igual.

Desta feita, no ano 1977, Rachel de Queiroz* entraria para a história como a primeira imortal na academia brasileira de letras.

Esse foi um dos fatos que enfatizam com clareza de que, figurar entre os ditos "imortais" da ABL (Academia Brasileira de Letras), é uma honraria destinada a uma elite que, mais do que a exigência por uma intelectualidade apurada e suas devidas produções, tem em sua estrutura, elementos que trazem um modelo pré-selecionado de sujeito intelectual brasileiro para ocuparem aquele espaço de saber e conseqüentemente de poder.

A exigência, mais que apenas de capacidade cognitiva para uma produção literária de destaque, ficou explícito em diversos momentos ao longo da história da academia que, envolve em seu caráter um modelo institucional e

* Rachel de Queiroz: Quinta ocupante da Cadeira 5, eleita em 4 de agosto de 1977, na sucessão de Candido Motta Filho e recebida pelo Acadêmico Adonias Filho em 4 de novembro de 1977. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em 16/04/2019.

estrutural de seletiva exclusão, ações essas amparadas e regidas pelo regimento da casa Machado de Assis.

O Estatuto que rege a Instituição, composto por 10 artigos, onde apesar de ter sofrido algumas importantes e necessárias mudanças com o passar do tempo, tem, como foi possível observar, um histórico de aversão a presença feminina, se não por todos os representantes, mas por sua grande maioria.

Faz-se necessário e não apenas em caráter informativo, mas formativo de consciência, relatar que as mudanças que aconteceram ao longo de nossa história, seja na ABL (Academia Brasileira de Letras) ou em nossa sociedade e todos os seus contextos, não ocorrem devido ao fato da estrutura de poder vigente, de repente, ter buscado repensar um determinado modelo de submissão por estarem preocupados com o bem estar social dos sujeitos menos favorecidos, mas por uma rede de homens e mulheres que estão na linha de frente da luta por transformações sociais há muito tempo, a muito custo, suor e sangue, conseguindo fazer com que os sujeitos sociais que estão na base da pirâmide, causem fissuras nas estruturas dominantes, através desse esforço coletivo. Dessa forma, o espaço no qual Rachel de Queiroz adentrou, é um terreno marcado por cada passo e tentativa de quebra de paradigmas que foi construído pouco a pouco, resultado de trajetórias de muitas Júlias, Amélias e outras tantas em que os que escreveram parte dessa história não tiveram interesse em registrar.

3. UMA ACADEMIA AGORA FEMININA, MAS NÃO PARA TODAS AS MULHERES

O acesso permitido, e por que não dizer também, conquistado, que teve como iniciante a escritora Rachel de Queiroz, ainda segue limitado.

A completar 122 anos de sua inauguração em Julho de 2019, a academia brasileira delimitava os espaços que poderiam ser acessados por parte de alguns sujeitos que historicamente foram postos à margem da sociedade, vítimas de uma estrutura social machista, contaminada por estereótipos e toda uma gama de preconceitos.

Vejamos a seguir um trecho do discurso de posse de Machado de Assis, em 20 de Julho de 1897, quando da cerimônia de inauguração da academia brasileira de letras:

[... iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância...] Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em 16/04/2019.

Criada 09 anos após a abolição da escravatura, a ABL (Academia Brasileira de Letras) carrega sólida, as convicções de seus integrantes quanto ao que é, e deve permanecer sendo considerado, como um padrão necessário e pré-estabelecido de integrante daquele espaço.

Durante esses mais de cento e vinte anos da academia brasileira de letras, mantém-se a estrutura piramidal que segrega a sociedade nas mais diversas áreas de atuação e representatividades. Essa instituição secular tem em seus registros apenas dois imortais negros (Machado de Assis e Proença Filho) e oito mulheres, brancas, sendo Raquel de Queiroz, admitida apenas em 1977, ou seja, 80 anos após a criação da agremiação.

A lista das mulheres admitidas é seguida por Dinah Silveira de Queiroz (1980), Lygia Fagundes Telles (1985), Nélida Piñon (1989), Zélia Gattai (2001), Ana Maria Machado (2003), Cleonice Berardinelli (2009) e Rosiska Darcy (2013). São oito décadas após a criação da academia para que essa barreira fosse rompida para a chegada de uma primeira mulher, algo conseguido a muito custo, transpondo os obstáculos do segregacionismo para tornar-se uma mulher imortal na Academia Brasileira.

A presença feminina na Academia Brasileira de Letras sempre foi algo a ser discutido como praticamente impossível de aceitar quando, por vezes, algo de remota possibilidade.

Nesse processo de silenciamento pelo qual as mulheres têm lutado ao longo dos anos, romper com o poder vigente sempre foi um grande desafio, algo que

estende-se além do lar (lavar, cozinhar, passar), do papel que a sociedade insiste em lhe atribuir enquanto o ser mulher na sociedade brasileira.

A ideia de se ter mulheres como partícipes do processo de produção da literatura no Brasil, sempre foi tratado como uma espécie de “corpo estranho” no espaço do mundo da produção intelectual, em especial na academia, que sempre autorizou apenas a presença de homens brancos e, geralmente, de posição social privilegiada na sociedade.

Historicamente, a produção autoral feminina sempre foi bastante desencorajada, vista pela sociedade com grande objeção, especialmente nos casos em que tal habilidade começava a ganhar, de fato, os contornos de profissão. (FANINI, 2017). Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/milena-buarque/julia-lobes-de-almeida-idealizadora-da-academia-brasileira-de-letras-que-nunca-se-tornou-imortal_a_23239632/> Acesso em 17/04/2019.

Considerada a primeira escritora do Brasil, Maria Firmina dos Reis é, também, um exemplo simbólico, tanto da força dessa mulher negra e capaz de produzir conhecimento, quanto da dificuldade em acessar determinados espaços na sociedade e ser reconhecida por sua obra.

Publicado com o pseudônimo de “A Maranhense”, “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis, lançado em 1859, é considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil.

Em sua literatura, os escravos são nobres e generosos. Estão em pé de igualdade com os brancos e, quando a autora dá voz a eles, deixa que eles mesmos contem suas tragédias. O que já é um salto imenso em relação a outros textos abolicionistas”. Régia Agostinho da Silva, professora da Universidade Federal do Maranhão e autora do artigo “A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>> Acesso em 07/05/2019.

Uma transgressora de seu tempo, distante dos cânones literários, Maria Firmina dos Reis, seguiu por muitos anos invisibilizada, mas construindo um caminho sem volta, o de uma escrita negra e feminina, exercendo o seu lugar de fala

e produzindo saberes dentro de temáticas que, ainda hoje, seguem ignoradas pela academia brasileira de letras.

Exercer o seu lugar de fala é potencializar o direito à voz e posicionar-se através de uma perspectiva daquele que historicamente esteve à margem das discussões e tomada de decisões.

A filósofa e ativista, Djamila Ribeiro, em seu livro “Lugar de Fala” (2017), discute, dentre outras coisas, como esses sujeitos devem usar a sua realidade como ferramenta de transformação e conscientização sobre o lugar do outro na sociedade; vozes amplificadas e dispostas a romperem paradigmas.

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo (RIBEIRO, 2017. p. 66).

A violência, nem sempre velada, segue a passos largos e firmes quanto à presença de uma mulher entre os panteões da ABL (Academia Brasileira de Letras). Além disso, quando se é negra, essa exclusão acaba sendo potencializada com o recorte segregacionista de invisibilidade em gênero e raça.

O fato de ter na história da academia, Machado de Assis, homem negro, na condição de seu primeiro Presidente, não foi um fator relevante para que novas perspectivas fossem construídas como sendo possíveis sobre um espaço que viesse a abranger uma diversidade intelectual e racial naquela conjuntura. Assim, como a admissão da escritora Rachel de Queiroz, onde apesar de serem elencados como momentos importantes de ruptura, não significaram uma abertura real de oportunidades igualitárias.

Os avanços seguem como necessários para a aceitação de uma diversidade. Pois, apesar de em 1977, ser considerado como um ano de abertura na academia, com o ingresso de Rachel de Queiroz, temos que levantar alguns questionamentos, principalmente, o de sobre qual mulheres estamos falando. Segue, portanto, o padrão branco hegemônico. Pois, existe, ainda, uma lacuna entre quem pode concorrer, e quem deve ser aceito para uma daquelas cadeiras.

4. CONCEIÇÃO EVARISTO: QUANDO A CAPACIDADE PARECE NÃO SER SUFICIENTE

Diante do recorte histórico abordado nesse trabalho, podemos observar o quão violenta e desonesta foram as articulações usadas na história da Academia Brasileira de Letras com o intuito de proibir, a qualquer custo, uma presença feminina dentro daquela agremiação.

Durante esse processo de exclusão, gênero e raça dialogam sob uma perspectiva semelhante de invisibilidade que, principalmente enquanto a presença de mulheres negras na academia, ainda seguem como barreiras aparentemente intransponíveis.

A candidatura da escritora Conceição Evaristo, em 2018, apesar de não ter saído vitoriosa, suscitou debates e trouxe à tona velhos problemas, causando desconforto em muitos membros da casa Machado de Assis.

Fugindo à normalidade de um processo que concede o direito de candidatar-se a uma das cadeiras, a campanha em prol da candidatura de Conceição Evaristo ganhou as redes sociais, chegando a ter duas petições contendo mais de 25.000 mil assinaturas, clamando pela presença dessa mulher, que poderia ter sido a primeira mulher negra na academia, ganhando assim, contornos diferentes dos habituais de um processo eleitoral naquela agremiação.

É um equívoco achar que a Academia tem que fazer isso ou aquilo. A ABL é uma instituição privada sem fins lucrativos. É um clube de amigos. Por isso, existe a tradição de que os candidatos visitem os acadêmicos nos meses que antecedem a eleição. A gente precisa conhecer melhor aqueles com quem a gente vai passar o resto da vida. (Filho, Proença). Disponível em <<https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>>. Acesso em 29/04/2019.

Estava explícito que o protocolo foi quebrado, não apenas por Conceição Evaristo não ter participado dos rituais que os candidatos comumente fazem, mas pela coragem e ousadia de uma mulher negra, ex favelada, natural do morro do pindura saia, em Minas Gerais, tentar um lugar que também deve ser seu por direito,

entrando pela porta da frente e por razões inquestionáveis quando avaliamos suas obras.

Em um ritual de votação secreta e com a incineração das cédulas de votação, logo após o término da eleição, os critérios de escolha por cada novo imortal sempre levantaram alguns questionamentos, se não por seus nomes, mas por suas produções, tendo na história da academia brasileira, não apenas escritores, mas políticos, advogados, médicos, entre outras áreas de atuações que já conseguiram o seu assento na busca por essa imortalidade.

Responsável por diversas obras*, vencedora do Jabuti em 2015, além de outros prêmios, apesar de ser, de fato, reconhecida apenas aos 70 anos de idade, a produção literária de Conceição Evaristo é extensa e importante, não apenas, enquanto construção histórica, mas é uma fala construída através de sua “escrevivência” (termo cunhado pela escritora), tendo como base a oralidade, ancestralidade e a mulher negra no centro das ações. Ou seja, são pilares praticamente ausentes na academia.

A intenção em lançar o seu nome como uma das opções a concorrer naquela casa, para muitos, ocorreu através da provocação da jornalista Flávia Oliveira* ao afirmar que: ‘Tá faltando preto na Casa de Machado de Assis’, ao colunista Ancelmo Gois no jornal O Globo em 25 de abril de 2018, ao lembrar o espaço vago na academia.

Durante participação da escritora, em 2018, no Salão Carioca do Livro, Conceição foi enfática sobre o seu desejo em fazer parte dos imortais. “Se eu entrar, não será porque escrevi um ‘Marimbondo’ do Sarney, não [romance que levou o ex-presidente à ABL, em 1980]. Eu quero entrar porque é um lugar nosso, porque temos direito”.

* Ponciá Vicêncio (2003), Becos da Memória (2006), Insubmissas lágrimas de mulheres (Editora Malê, 2016), Olhos d’água (Editora Pallas, 2014), Histórias de leves enganos e parencas (Editora Malê, 2016), dentre outras. Disponível em <https://escolaeducacao.com.br/conceicao-evaristo/#Obras_de_Conceicao_Evaristo> Acesso em 06/05/2019.

* Flávia Oliveira da Fraga é formada em Jornalismo pelo Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (IACS-UFF/RJ), em 1992. Especializou-se na cobertura de temas socioeconômicos, como pobreza, desenvolvimento humano e desigualdade social. Disponível em <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/flavia-oliveira/>> Acesso em 27/05/2019.

Em uma outra oportunidade, Conceição Evaristo afirmou que a ausência de mulheres negras na academia brasileira é, também, um reflexo do que acontece em outras instituições no Brasil, ou seja, não é uma exclusividade da ABL (Academia Brasileira de Letras). Podemos afirmar que, no Brasil, faz parte de um processo que tem sua estrutura fundada desde a chegada dos primeiros navios negreiros. Além disso, é importante salientar que não é o fato de ser negra que estaria credenciando Conceição Evaristo a vencer a eleição, até porque, essa é uma bandeira que seguirá levantada para todas as mulheres. Entretanto, Conceição Evaristo é uma voz que se pronuncia a partir de um lugar de fala que conta a história a partir de uma outra perspectiva.

O resultado final da eleição foi extremamente frustrante para aqueles que acreditaram que esse seria um momento de quebra de paradigmas na história da academia. Entretanto, para outros, foi um processo que esteve dentro do esperado.

Com apenas 1 voto a favor, Conceição Evaristo viu a academia eleger o cineasta Cacá Diegues com 22 votos, para ocupar a cadeira de número 7, antes pertencente a Nelson Pereira dos Santos. Pedro Corrêa do Lago, neto de Oswaldo Aranha, ficou com outros 11 votos.

A Conceição tem todas as qualificações para entrar, mas faltou a ela se apresentar. É como se eu dissesse que quero entrar para o Flamengo sem pagar a inscrição". "Mas essa cobrança da sociedade é ótima, mostra que a academia pertence aos brasileiros e chama a atenção para a questão. (Filho, Proença) Em 01/05/2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/conceicao-evaristo-recebeu-voto-na-abl-e-caca-diegues-e-eleito-novo-imortal.shtml>> Acesso em 10/05/2019.

A academia perde a chance de romper com esse histórico de invisibilidade e de reconhecer novos elementos literários; os membros desta agremiação, ou pelo menos a maioria, conseguiram manter a estrutura de poder vigente de maioria elitista e branca. Entretanto, principalmente para as mulheres negras, esse não foi um momento apenas de lamentação.

Considerada um dos expoentes da literatura feminina e negra no Brasil, a inadmissão da candidatura de Conceição Evaristo revelou, também, o quanto a literatura negra tem ganhado força e corpo ao longo dos anos, não precisando,

necessariamente, do “sim” da Academia Brasileira de Letras para legitimá-la enquanto riqueza cultural para o Brasil e para o mundo. Entretanto, a disposição de Conceição Evaristo em desafiar esse sistema será apenas mais uma, das várias que estarão por vir, em um coro de vozes que continuarão ecoando por reconhecimento e representatividade.

Quando Angela Davis afirma que, “quando as mulheres negras se movem, toda estrutura política e social se move na sociedade” (DAVIS, 2018, p. 09), representa muito bem a importância da candidatura de Conceição Evaristo, que sai fortalecida, mesmo com a inadmissão. Pois, diante do que está exposto, o homem branco segue tentando manter-se no controle das decisões.

Dessa forma passamos a perceber o quão grave é a situação da representatividade da mulher negra na academia, o quanto ela, que além das dificuldades enfrentadas pelo fato de ser mulher, tem historicamente um lugar que também é seu, negado, devido a uma estrutura racista e machista que desabrocha nas instituições.

A sociedade é dividida. Como bem nos ensina Sueli Carneiro, o racismo cria uma hierarquia de gênero que coloca a mulher negra na situação de maior vulnerabilidade social. Logo, é preciso nomear essa realidade, porque não se pensa em uma solução para um problema nem sequer pronunciado. Existem várias possibilidades de ser mulher e, justamente porque ela foi universalizada tendo como base a mulher branca, é preciso dizer isso. Não se trata de competição, mas de fatos históricos, dados de pesquisa. (RIBEIRO, 2017 p. 133).

Diante de uma academia que ainda não é para todos os brasileiros, logo não representa uma diversidade literária no Brasil, essa agremiação segue órfão de uma representatividade na literatura que seja feminina e negra, mesmo apesar de suas produções habilitá-las para ocuparem aquele espaço acadêmico. Será necessário superar mais que uma negação por parte daqueles que tem o poder de decidirem sobre quem merece ou não tornar-se um imortal, será preciso transcender toda uma conjuntura que reverbera o racismo nas instituições, usando de mecanismos de exclusão que historicamente negam oportunidades iguais para todos os brasileiros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país fundado sobre a mão de obra escrava, culturalmente machista e com um poder econômico centralizado sobre o controle de homens brancos, conseqüentemente agindo de forma soberana sobre os demais, ou seja, negros, indígenas, mulheres e outros segmentos sociais, é nesse contexto que são instituídas as diretrizes que compõe as instituições. Dessa forma e com base nessa estrutura é sedimentada a academia brasileira de letras em 1897, surgindo inclusive, como já foi dito, apenas nove anos após a recente abolição da escravatura, fazendo-se necessário essa localização para compreendermos o contexto histórico dos fatos.

A academia tem buscado ao longo dos anos, mesmo que de forma tímida, uma espécie de reparação sobre alguns erros que marcam e caracterizam a instituição. Dito isso, podemos citar que Júlia Lopes de Almeida, apesar de ter o seu nome excluído da lista de fundadores da academia pelo fato de ser mulher, hoje, de forma simbólica, faz parte da instituição, quando no ano de 2010, Cláudio Lopes de Almeida, seu neto, doa o acervo da escritora para os arquivos da ABL (Academia Brasileira de Letras). Além desse fato, Júlia Lopes recebeu uma homenagem nos 120 anos da agremiação no ano de 2017, em um evento intitulado de “Cadeira 41”. “Todos contra Júlia*”, coordenado pela escritora Ana Maria Machado. Entretanto, esse não foi um momento apenas para comemorações. Ou seja, dos 121 anos atualmente, 80 desses foram sem uma representação feminina, sendo essa uma oportunidade para uma reflexão do porquê de tantos anos dessa gritante aversão à presença feminina.

* A intitulação **Cadeira 41** remonta aos tempos de fundação da ABL, em 20 de julho de 1897. Criada nos mesmos moldes da Academia Francesa, o máximo de Acadêmicos era de 40, o que continua até os dias de hoje. Este ciclo, no entanto, pretende apresentar quatro nomes que poderiam ocupar, em suas épocas, uma dessas cadeiras e, que, por razões diferentes e individuais, não se tornaram membro da Academia: **Júlia Lopes de Almeida**, **Lúcio Cardoso**, **Lima Barreto** e **Clarice Lispector**. Disponível em < <http://www.academia.org.br/noticias/escritor-luiz-ruffato-abre-na-abl-o-ciclo-de-conferencias-cadeira-41-sob-coordenacao-da>> Acesso em 12/05/2019.

De Júlia Lopes à Conceição Evaristo, gênero e raça sempre estiveram norteando as decisões, mesmo diante de mulheres com uma produção tão extensa e a frente de seu tempo, sendo assim, apesar de sua contribuição na produção de conhecimento, foram marcadamente ignoradas pela Academia Brasileira de Letras.

Ganhadora do Prêmio Jabuti de Literatura em 2015, para citar apenas um de seus importantes prêmios e homenagens, a escritora Conceição Evaristo, apesar de demonstrar seu agradecimento e felicidade naquele momento pela escolha, afirmou que aquele era também um prêmio da solidão, pelo fato da ínfima presença de negros naquele espaço.

Os mecanismos de exclusão estão presentes em todos os espaços de poder, e a academia é um deles; os mais de três séculos de escravidão no qual o Brasil permaneceu, ainda segue marcado por muitas portas fechadas, principalmente quando se é mulher e negra.

Conceição Evaristo quebrou um ciclo em sua família de mulheres que foram empregadas doméstica, questionou, escreveu e enfim, foi ouvida, mas infelizmente não por todos.

A mineira Conceição Evaristo, disse que para muitos a vida começa aos 40 anos, mas, pra ela começou aos 70, quando suas obras e sua história de vida ganharam visibilidade no mercado editorial e no espaço intelectual.

A academia Brasileira de Letras segue na busca pela manutenção de uma espécie de status quo, com relação a presença de uma mulher negra na agremiação. Porém, apesar de todas as dificuldades, como diz Sueli Carneiro*, “esse é um caminho sem volta”; ou seja, o do fortalecimento de uma literatura negra, afro-brasileira e que fala o que deveria se chamar de “pretoguês”, como

* Aparecida Sueli Carneiro Jacoel, nasceu em 24 de junho de 1950 na cidade de São Paulo, é Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Filósofa, escritora, ativista anti racismo e uma das principais pensadoras do País. Fundadora e diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo, que completou 30 anos em 2018. E abriga o único programa brasileiro de orientação na área de saúde específico para mulheres negras. Semanalmente mais de trinta mulheres são atendidas por psicólogos e assistentes sociais e participam de palestras sobre sexualidade, contracepção, saúde física e mental. Disponível em <http://baoba.org.br/um-tributo-a-sueli-carneiro/>. Acesso em 19/05/2019.

dizia Lélia Gonzalez*. Dessa forma, será questão de tempo, para que a próxima mulher negra bata à porta da Academia Brasileira de Letras e, assim, esperamos, que desta vez, ela esteja aberta para que todos possam ouvir o outro lado da história.

Se não tiver, rompemos o muro, e faremos a roda da História girar em nosso favor.

REFERÊNCIA

BIBLIOGRAFIA Obras de Júlia Lopes de Almeida. 22 de Abr. de 2019. Disponível em <<http://www.biblio.com.br/conteudo/JuliaLopesdeAlmeida/molduraobras.htm>>. Acesso em 22/04/2019.

CAMPOS, Matheus; BIANCHI, Paula. CONCEIÇÃO EVARISTO: Ela seria a primeira escritora negra da Academia Brasileira de Letras. Mesmo com a maior campanha popular da história, perdeu. The Intercept, 2018. Disponível em <<https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>>. Acesso em: 29/04/2019.

* Lélia Gonzalez: professora, pesquisadora, antropóloga e ativista política. Fã de futebol e samba. Uma das principais vozes da militância com enfoque na mulher negra do Brasil. Nasceu em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, no dia 1º de fevereiro de 1935. Filha de um ferroviário negro e de uma empregada doméstica índia. Teve 18 irmãos, sendo ela a penúltima filha a nascer. Disponível em <http://leliareferencia.blogspot.com/p/biografia.html>. Acesso em 20/05/2019.

D'ANGELO, Helô. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira. Revista Cult, 2017. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>>. Acesso em: 07/05/2019.

ESTATUTO Estatutos da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 10 de Abr. de 2019. Disponível em <<http://www.academia.org.br/academia/estatuto>>. Acesso em 10/04/2019.

FANINI, Michele Asmar. A história da primeira mulher barrada pela Academia Brasileira de Letras. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 de Abr. 2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/09/1916546-mulher-fundou-a-academia-brasileira-de-letras-mas-nao-fez-parte-dela.shtml>>. Acesso em 22/04/2019.

FERREIRA, Ivanir. Escritora mais publicada da Primeira República foi vetada na ABL. Jornal da USP. São Paulo, 25 de Abr. 2019. Disponível em <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/escritora-mais-publicada-da-primeira-republica-foi-vetada-na-abl/>>. Acesso em 25/04/2019.

FANINI, Michele Asmar. As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. Scielo. 2010. vol.29, n.1, pp. 345-367. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742010000100020&script=sci_abstract&tIng=pt>. (Acesso em 30/04/2019).

RIO, João do. **O momento literário**. 1. ed. Rio de Janeiro. Obliq Press,. 1907.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2017.

TOSTA, Rafael. “Academia Francesa de Letras”. 2017. Disponível em: <<https://francescultural.com/2017/07/02/artigo-academia-francesa-de-letras/>>. Acesso em: 06/04/2019.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. As mulheres na academia. Revista Brasileira. Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/media/RB%20-%2049%20-%20CULTO.pdf>> Acesso em 29/04/2019.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. As mulheres na academia. Revista Brasileira. n.49, out-nov-dez, p. 19, 2006. Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/media/RB%20-%2049%20-%20CULTO.pdf>> Acesso em 29/04/2019.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. As mulheres na academia. Revista Brasileira. n.49, out-nov-dez, p. 28, 2006. Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/media/RB%20-%2049%20-%20CULTO.pdf>> Acesso em 29/04/2019.

Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (Júlia Lopes de Almeida – 1862/1934) e suas obras: Defensora da educação feminina, do divórcio, da abolição do regime escravocrata, escrevia para periódicos dedicados e editados por mulheres, como A Mensageira e a Única, e em revistas e jornais de grande circulação, como O Quinze de Novembro, Kosmos, O Pauiz, A Gazeta de Notícias e A Semana. Publicou A Família Medeiros, em 1892, A Viúva Simões, em 1897, Eles e elas, em 1910. Lançou ainda A Silveirinha, em 1913, Pássaro tonto, em 1934, Correio da Roça, em 1913, entre outros livros. A Falência, Memórias de Marta e Livro das noivas eram obras de cunho educativo, contendo conselhos e lições femininas com objetivos morais e econômicos. Publicou também literatura infantil: Contos infantis, em 1886 – escrito com sua irmã Adelina Lopes Vieira –, Histórias da nossa terra, em 1907, A Árvore, em 1916, Era uma vez, em 1917 e Jornadas no meu país, em 1920. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/julia-lopes-de-almeida/>>. Acesso em: 02/06/2019.

Maria da Conceição Evaristo de Brito (Conceição Evaristo, 1946) e suas obras: Graduada em Letras pela UFRJ, é Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade em 1996, e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese Poemas malungos, cânticos irmãos em 2011, na

qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série Cadernos Negros, publicou o romance Ponciá Vicêncio, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte. Em 2006, Conceição Evaristo traz à luz seu segundo romance, Becos da memória. No ano de 2007, sai nos Estados Unidos a tradução de Ponciá Vicêncio para o inglês, pela Host Publications, Poemas de recordação e outros movimentos (2008), Insubmissas lágrimas de mulheres em 2011, Olhos D'água em 2014, Histórias de leves enganos e parecenças em 2016. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 02/06/2019.